

## A HORTA

Por Letícia Magalhães

Em um canto qualquer da internet, há muitos anos, eu li algo como “fora da sua zona de conforto é o lugar em que a mágica acontece”. Isso é uma verdade. É uma verdade para mim, talvez para você, e certamente é uma verdade para quem vive em uma instituição fechada, futurista e cheia de restrições, que é o caso da protagonista de *A Horta*.

Camila Fontes, 15 anos, há 14 anos na Instituição, é a aluna mais brilhante da escola local. Vive e estuda em um ambiente asséptico e tecnológico como o do filme *O Doador de Memórias* (2014).

A Instituição tem como valores mais sagrados a ordem e a disciplina. Tais valores foram duramente conquistados pela organização através do sangue e suor de muitos e muitas irmãos e irmãs, como diz um professor que se faz presente em cena por meio de um holograma. Um cartaz com os dizeres “Vigilância constante contra os inimigos da Instituição” está pendurado em uma parede. Todo o discurso lembra um pouco o livro *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury – e lembra muito o momento histórico do MacCarthismo – e, infelizmente, da onda de vigilância e denúncia que vemos crescer atualmente.

Tudo muda quando Camila fica presa na horta em que trabalha, após o final do expediente. De um grande tubo que se liga com o exterior sai uma garota, completamente diferente de Camila. Se Camila veste um uniforme que consiste em calça e blusa azuis brilhantes, um tênis já apertado, e está sempre de rabo de cavalo, a intrusa usa roupas coloridas, polainas, botas, echarpes e cabelo solto.

No primeiro dia, a intrusa pega um morango de um pé e vai embora. No segundo, apanha dois morangos, dá um para Camila e coloca um curativo onde o tênis a estava machucando. Dali em diante, a amizade cresce – e também os questionamentos de Camila sobre a vida na Instituição e o real perigo do mundo lá fora.

Camila é interpretada por Thais Castro, atriz de comerciais, teatro e curtas-metragens. A intrusa, chamada de Anita nos créditos finais, é interpretada por Mayhara Ribeiro, e Lucas, colega de classe de Camila, por Jhonas Banow. São todos jovens atores bastante competentes.

Mas nada se destaca mais do que a direção de arte do curta. A horta, que lhe dá título e que é o lugar de encontro dos dois mundos, é de um primor estético único. As paredes brancas, os aquários pequenos, as plantas dentro de vasos de vidro e

suspensas através de redes cor de rosa, enquanto uma música relaxante toca: tudo isso cria um ambiente estranho para um encontro, mas muito bonito de se ver.

Camila vive uma situação semelhante ao mito da caverna de Platão – isto é, se os habitantes da caverna fossem um pouquinho mais questionadores. Ao nos depararmos com uma situação em que temos de um lado o novo, o desconhecido, que alguém diz ser maravilhoso, e de outro o velho, o confortável, ao qual já estamos acostumados, nós também nos tornamos a parte indecisa do mito da caverna. A intrusa veio do lado de fora, contando maravilhas. E Camila somos nós, enxergando apenas sombras. Resta a Camila – e a cada um de nós – decidir se vai ou não ultrapassar o limite da caverna.